

## **SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS: CULTURA ROCK E JUVENTUDE**

RÓBI JAIR SCHMIDT

### **Introdução**

Os movimentos musicais ocupam um lugar significativo na produção cultural brasileira. Em seus diversos matizes, têm se apresentado como importantes formas de registro não só das mudanças sociais, mas, sobretudo, das sensibilidades coletivas mais profundas. Entre estes movimentos podem ser destacados o Samba, a Bossa Nova, a Jovem Guarda, o Tropicalismo, a MPB, o Rock, o Rap etc.

No presente estudo, serão examinadas as relações existentes entre a cultura rock no Brasil de 1980 e as subjetividades dos jovens dos espaços urbanos. As idéias e sentimentos constituídos a partir destas relações estão presentes nas letras de músicas e opiniões de compositores, produtores, jornalistas e críticos de música, entre outras fontes que apresentam expressões discursivas do público apreciador dessa vertente musical.

Expandindo-se por vários países, o rock chegou ao Brasil no final dos anos 1950, como um movimento artístico que levaria algumas décadas para adquirir expressão coletiva. O processo foi tomando maiores dimensões com o surgimento da chamada Jovem Guarda, na década de 1960, e com a Tropicália, na década de 1970. Nesse período, também se constituiriam os primeiros grupos de rock que assumiram uma posição significativa nesse campo: Raulzito e os Panteras, Secos e Molhados, Mutantes, entre outros. Destes grupos, destacam-se posteriormente alguns nomes que passariam a desenvolver carreiras-solo: Raul Seixas, Ney Matogrosso, Rita Lee etc.

Apesar da riqueza que essas bandas revelaram nesse período, elas não se disseminaram pelas variadas regiões do país, sua abrangência se restringiu a um campo bastante específico. Contudo, é na primeira metade da década de 1980 que

o rock passou a receber o adjetivo de “brasileiro”. Esta época pode ser considerada como um dos momentos mais importantes da história do rock no Brasil. A partir de 1985, o rock se consolida com a primeira edição do *Rock in Rio*, evidenciando-se nesse período como um dos principais gêneros musicais presentes no universo juvenil.

Para além das discontinuidades, rupturas e especificidades, o rock brasileiro se constitui a partir de uma variação musical que reúne diversos movimentos e ritmos nacionais e estrangeiros, tais como o tropicalismo, o blues, o punk, o new wave, o rock progressivo, o reggae, etc. Além desta característica sincrética, a cultura rock pode ser descrita por seu constante diálogo com tensões e contradições resultantes de manifestações culturais, econômicas e políticas, tanto de caráter interno como externo: enfraquecimento da ditadura militar, campanha pelas eleições diretas, abertura política, proliferação da Aids, consolidação da cultura urbana, expansão dos meios eletrônicos de comunicação, inovações tecnológicas, , entre outras.

O que se pretende demonstrar é que estas manifestações de ordem coletiva interferem nos sentimentos e nas ações da sociedade brasileira deste período, formando um campo propício para que os chamados roqueiros possam expor idéias relevantes sobre este contexto. Com tal abordagem, busca-se visualizar questões diversificadas que agem sobre a cultura rock, em especial sobre as atitudes e os sentimentos da juventude urbana e suas relações com esse gênero musical.

Sob esta ótica pretende-se observar a cultura rock e perceber, entre outras características, de que maneiras esta produção cultural articula-se com o mundo dos jovens. Em outras palavras, o rock mostra-se como um estilo que desenvolve subjetividades próprias a serem criadas e adotadas na vida cotidiana. Apresenta particularidades que se manifestam como uma linha de fuga dos jovens ao expressar ações que questionam as práticas, valores e instituições da sociedade brasileira contemporânea.

Apesar de inserido num conjunto de regras morais, políticas, existenciais e econômicas — representadas por instituições como a igreja, o Estado, a família, os meios de comunicação, a escola etc. —, o rock surge como uma reação desses jovens aos poderes que objetivam a organização da sociedade brasileira. Nesse contexto, o rock emerge e se consolida como forma de conduta intersticial construída por uma nova tribo urbana.

Os personagens integrantes das bandas Titãs, Ira!, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Engenheiros do Havaí, Camisa de Vênus, citando apenas alguns dos grupos desse período, procuraram construir outros espaços de convivência social no decorrer de suas trajetórias. Não se pretende encontrar nesses sujeitos tipos ideais, pois nestes também encontram-se muitas contradições, sendo sujeitos que comportam características que —inclusas num jogo de tensão e distensão entre formas de dependência e independência —, expõem os conflitos existenciais de sua geração.

### **Espaços intersticiais: “A gente quer saída para qualquer parte”**

As relações entre o rock dos anos 1980 e as atitudes da juventude revelam aspectos característicos de novos estilos de vida e sociabilidade que se manifestam em meio às tensões cotidianas. A letra da canção “Jovem”, de autoria de Arnaldo Brandão e Cazuza, vai ao encontro destas questões, pois faz referência a alguns aspectos do mundo juvenil:

Jovem, bicho revoltado/ Mamãe roubou suas revistas/ De sacanagem/ Jovem, papai tá ocupado/ Não é só você/ Que come a empregada/ Jovem, você tá muito avançado/ Seus amigos desconfiam/ Que você é veado/ Antigamente era mais fácil/ Ser a grande novidade/ Você vai ser alistado pela faculdade/ Jovem, não vai chegar tarde/ A sociedade está pronta pra ligar o alarme/ Jovem, seu primeiro amor/ Acabou de repente no elevador/ Porque não viu que o futuro/ Às vezes repete o passado/ E o mundo inteiro parece escapar/ Entre os seus erros/ Lavando a cara de manhã/ Pergunta pro espelho/ Afinal, quem é você?/ Jovem, a grande novidade.<sup>1</sup>

A letra da música aponta algumas discussões importantes para a juventude brasileira dos anos 1980: liberdade de expressão, sexualidade, vigilância da

---

<sup>1</sup> CAZUZA; BRANDÃO, Arnaldo. “Jovem”. In: ARAUJO, Lucinha; ECHEVERRIA, Regina. *Cazuza: Preciso dizer que te amo (Todas as letras do poeta)*. São Paulo: Globo, 2001, p. 279.

sociedade, carreira profissional, relações amorosas etc. O Brasil nesta década passou por um período de conturbada transição política e cultural, no qual o rock emergiu como espaço de expressão dos sentimentos dos jovens. Apresenta, assim, elementos que transitam junto ao universo juvenil dessa época e revela aspectos que caracterizam interpretações de seu mundo, enfocando os modos de ser, pensar e agir de uma geração.

Quero desfrutar por ser jovem/ Das coisas que me são proibidas/ Preciso de um tempo pra pensar/ Preciso chegar ao coração/ Da vida que eu possa levar/ Um tempo eu peço pra pensar/ Quero desfrutar por ser jovem...coração.<sup>2</sup>

Como pode ser observado nas letras dessas canções, a partir da música rock, podem ser evidenciadas tensões e expectativas dos jovens. Esta característica configura-se em elemento importante para a análise de um universo cultural bastante sensível a um desejo de transgressão e mudança. Para Antônio de Souza, *“o rock parece definitivamente associado a um ideal de festa, de sonho libertário. Uma cultura jovem, urbana e industrial que afirma desde o princípio uma nova noção de sensibilidade e racionalidade.”*<sup>3</sup> Nesse sentido, falando sobre a cena juvenil e o rock, assim se refere Nasi, vocalista da banda paulista Ira!:

Os anos 80, eu acho já com a reabertura política, eu acho que o rock significou a retomada da juventude fazendo música. Quando nós começamos a fazer rock era uma coisa de guerrilheiro mesmo, não existia muita coisa, nós nunca achávamos que ia tomar a proporção que tomou, não só o nosso trabalho no Ira, mas também o fenômeno musical que foi o rock.<sup>4</sup>

Ao lembrar momentos de início de sua carreira, Nasi relata que:

Na nossa época era tudo um sonho, e por ser um sonho, nos atiramos, e levamos tudo às últimas conseqüências. A minha geração também trouxe grandes poetas, Renato Russo, Arnaldo Antunes. São nomes que deixaram canções que eu já considero que saíram um pouco daquilo do imediatismo da cultura de massa.<sup>5</sup>

Em suma, trata-se de uma vertente musical que deu voz a outros aspectos de seu mundo, pois, como lembra o produtor e crítico Ezequiel Neves — responsável pela produção de discos da gravadora Som Livre e que teve acesso a uma “fita demo” do Barão Vermelho —, diz que:

---

<sup>2</sup> IRA!. “Coração”. In: ---. *Mudança de comportamento*. São Paulo: Warner Music, 1985.

<sup>3</sup> SOUZA, Antônio M. A. *Cultura rock e arte de massa*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995, p. 52.

<sup>4</sup> Entrevista com Nasi. *Documentário: Painel da Arte Brasileira Contemporânea* (Programa Especial sobre Música). TV Cultura. São Paulo, agosto de 2004.

<sup>5</sup> *Idem*.

Eu achei maravilhosas as dez faixas, porque era música boa, musicalmente e as letras, porque era um rock sujo, imundo, com letras maravilhosas, e aquilo era uma meninada com muita verdade, tava tudo muito pasteurizado, tudo era bonitinho, mas aquela fita era flamejante, saía fogo da fita, era como se misturasse rock com Lupicínio Rodrigues.<sup>6</sup>

Percebe-se que é a partir dessa nova noção de sensibilidade e racionalidade que esse gênero musical atinge uma repercussão significativa junto ao público jovem, pois se manifesta como uma perspectiva de vida que surge em meio ao que já está instituído. Essa nova possibilidade de inserção social que emerge a partir da cultura rock é, portanto, algo que transcende as canções de rock que circulavam até o momento, revelando elementos que vão ao encontro dos sentimentos juvenis da geração dos anos 1980, adquirindo, conseqüentemente, dimensões coletivas. Este fato é retratado pelo produtor artístico Nelson Motta, quando fala das bandas e sua relação com o público jovem:

Cantava Renato [Russo] e as jovens platéias deliravam, se identificavam com aquela sensação de vazio e de impossibilidade, tinham alguém para dizer o que eles pensavam e sentiam. Muita gente imaginava que a nova geração musical, do Ultraje a Rigor e dos Titãs, de Lobão e da Legião, por ter vivido praticamente a vida inteira numa ditadura fechada para o mundo, sem acesso à cultura internacional e à história brasileira, sofrendo lavagem cerebral dos militares, seria desinformada e individualista, tão ignorante e alienada quanto a autocrítica furiosa de Renato em “Geração Coca-Cola”. Ao contrário, Lobão, a Legião, o Ultraje e os Titãs – além de dezenas de outras bandas que brotaram como cogumelos não mais no eixo Rio – São Paulo, mas na Bahia, em Minas, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco – mostravam visão crítica, informação, independência e vontade de mudança (...). Além de talentosos, eles eram, quem diria, intensamente políticos. A Geração Coca-Cola não estava perdida. O amanhã estava chegando.<sup>7</sup>

O autor desse relato acompanhou de perto todo o movimento. Suas palavras dizem respeito à atuação do público, dos compositores e dos grupos de rock. Percebe-se o envolvimento existente entre o público e os artistas. De acordo com Motta, isto ocorria devido ao fato das canções abordarem questões com as quais os jovens se identificavam. Assim sendo, observa-se que era nas canções das bandas de rock que os jovens desse período encontravam meios para compartilhar seus sentimentos. Talvez aí se encontre a força do rock. Dessa forma, esse intercâmbio gera perspectivas de vida que se revelam extremamente ricas quando inseridas no universo juvenil.

---

<sup>6</sup> Entrevista com Ezequiel Neves. *Programa de Entrevistas: Dois a Um*. Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). São Paulo, junho de 2004.

<sup>7</sup> MOTTA, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 380-381.

Uma mobilização a princípio musical, que deixa marcas nas representações, na percepção e no entendimento que o jovem tem de si próprio e do funcionamento do próprio mundo. A cultura rock pode ser definida, então, para além de um estilo musical: como um sistema que inicia o adolescente na sociedade e pode desde modular suas pequenas atitudes até orientar sua compreensão e postura política no mundo.<sup>8</sup>

Assim, o movimento é responsável, entre outros fatores, pela instauração de um ambiente que envolve a juventude, fazendo com que surjam novas atitudes diante da vida. Isto pode ser detectado com maior nitidez quando são observados os desejos dessas pessoas, o que, por sua vez, a expressão que o rock assumiu nesse momento histórico.

Para entender como o rock nacional apresentou outras possibilidades de se relacionar com a vida, podem ser abordados alguns trechos de uma entrevista de Cazusa, na qual o compositor e cantor conversa com seu público esclarecendo questões relacionadas à canção “Maior abandonado”:

O maior abandonado é a pessoa “de maior” que está solta no mundo, precisa da proteção do governo e não tem. É também aquele que está vivendo o trauma dos 18 anos. É quando você fica mais carente, porque sabe que está ficando mais velho e ainda não é muito “safo” (...). Recebi uma carta de um garoto de Porto Alegre me perguntando se eu tinha consciência de que estava pirando a cabeça de todo mundo. Escrevi para ele dizendo, pelo amor de Deus, esquece. Não quero mudar a cabeça de ninguém, estou falando da minha vida. Estou levando a vida na arte e acho que não tem nada melhor nem mais bonito.<sup>9</sup>

A reação do “garoto” parece fazer sentido quando são observadas as idéias expostas nos versos da canção “Maior abandonado”, pois apresentam aspectos dos conflitos existenciais vivenciados pelos jovens nessa época:

Eu tô perdido/ Sem pai nem mãe/ Bem na porta da tua casa/ Eu tô pedindo/ A tua mão/ E um pouquinho do braço/ Migalhas dormidas do teu pão/ Raspas e restos/ Me interessam/ Pequenas porções de ilusão/ Mentiras sinceras me interessam/ Me interessam/ Eu tô pedindo/ A tua mão/ Me leve para qualquer lado/ Só um pouquinho/ De proteção/ Ao maior abandonado/ Teu corpo com amor ou não/ Raspas e restos me interessam/ Me ame como a um irmão/ Mentiras sinceras me interessam/ Me interessam.<sup>10</sup>

Percebe-se que existem fortes indícios por meio dos quais o rock associa ambigüidades situadas nas fronteiras entre a crítica e a diversão. Esta característica desencadeia um vínculo estreito entre os grupos e seu público, pois faz referência constante aos problemas com os quais os jovens se defrontam na vida cotidiana. Evidenciam-se, desse modo, atitudes nas quais se percebe que essa arte de viver parte de um ambiente sociocultural em que as pessoas buscam a liberdade, mesmo

<sup>8</sup> SOUZA, Antonio M. A. de. *Op. cit.*, p. 28-29.

<sup>9</sup> ARAUJO, Lucinha; ECHEVERRIA, Regina. *Op. cit.*, 2001, p. 78.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 79.

que ela esteja localizada em espaços intersticiais, o que afeta tanto o público como os próprios grupos de rock.

Ao lado das explosões, de diversas ordens, que esburacam o tecido social, quando este se torna demasiado apertado, existem outras maneiras, mais suaves, de desestabilizar (...), demonstrar a sua relatividade e o seu aspecto limitado. Pode ser a abstenção, a astúcia, a ironia, a inversão carnavalesca e ainda muitas outras modulações (...). Trata-se de viver, em tom menor, uma multiplicidade de pequenas utopias intersticiais, todas manifestando um instinto de conservação de grupo.<sup>11</sup>

Nesse ponto, estas atitudes juvenis podem ser associadas a certas formas de liberdade intersticial que se transformam, no Brasil desse período, em possibilidades de vivenciar outras experiências. Como diz o próprio Renato Russo, em entrevista a revista *Bizz* “Rock and roll é uma bobagem, mas é minha vida, meu trabalho.”<sup>12</sup>

Com isso, essa possibilidade de vida intersticial apresenta-se como uma fuga ativa que gradualmente desenvolve um campo favorável para a adesão e a consolidação do rock como um movimento que ultrapassa barreiras. Sobre o sentido da fuga, Gilles Deleuze afirma que: “Fugir não é renunciar às ações; nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar.”<sup>13</sup>

Isto quer dizer que as ações das bandas de rock podem se voltar para as brechas, a serem atravessadas pela crítica de suas canções. Então, esse “vazamento” de ações acontece na sociedade brasileira da década de 1980, entre outras formas, por meio da música rock. É o que pode ser identificado, por exemplo, em canções como “Selvagem”, do grupo brasiliense-carioca Paralamas do Sucesso:

A polícia apresenta suas armas/ Escudos transparentes, cassetetes/ Capacetes reluzentes/ E a determinação de manter/ Tudo em seu lugar/ O governo apresenta suas armas/ Discursos reticentes, novidade inconsistente/ E a liberdade cai por terra/ Aos pés de um filme de Godard/ A cidade apresenta suas armas/ Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos/ E o espanto está nos olhos de quem vê/ O grande monstro a se criar/ Os negros apresentam suas armas/ As costas marcadas, as mãos calejadas/ E a esperteza que só tem quem tá/ Cansado de apanhar.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> MAFFESOLI, Michel. “Liberdades intersticiais”. In: ---. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 99.

<sup>12</sup> REVISTA BIZZ. Editora Azul, n. 30, janeiro de 1988, p. 30.

<sup>13</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 49.

<sup>14</sup> VIANNA, Herbert. “Selvagem”. In: PARALAMAS DO SUCESSO. *Selvagem?* São Paulo: Emi-Odeon, 1986.

Nesta canção, é possível observar a referência a certos vazamentos do sistema sócio-político responsável pela organização da “nação brasileira”. Estas questões são problematizadas por meio das canções de rock, utilizando elementos que integram a vida cotidiana, a partir da qual são reveladas as insatisfações e frustrações da juventude diante das regras do jogo social que acompanham historicamente a sociedade brasileira. As músicas compostas pelas bandas de rock se transformaram em mecanismos de expressão desse ambiente conturbado.

Isto pode ser observado nas palavras do jornalista e crítico de música Arthur Dapieve, quando retrata a relação de Renato Russo com seu público juvenil: *“Ele era o paradoxal porta-voz desses eremitas compulsórios, o santo que quebrava o voto de silêncio. Dizia o que não devia nunca ser dito por ninguém, ou, por outra, dizia aquilo que não poderíamos ou não conseguiríamos dizer.”*<sup>15</sup>

Portanto, com uma certa dose de coragem, a música rock apresenta características da sociedade brasileira que revelam fragilidades em sua estrutura. Com a cultura rock emerge o desencanto com as instituições, principalmente no que se refere às questões éticas e morais. Para mostrar o potencial de contestação do movimento, podem ser enfocados alguns versos da canção de Cazuza, cujo título, “Brasil”, é bastante sugestivo:

Não me convidaram/ Pra essa festa pobre/ Que os homens armaram pra me convencer/ A pagar sem ver/ Toda essa droga/ Que já vem malhada antes de eu nascer/ Não me ofereceram/ Nem um cigarro/ Fiquei na porta estacionando os carros/ Não me elegeram/ Chefe de nada/ O meu cartão de crédito é uma navalha/ Brasil/ Mostra a tua cara/ Quero ver quem paga/ Pra gente ficar assim/ Brasil/ Qual é o teu negócio?/ O nome do teu sócio?/ Confia em mim.<sup>16</sup>

Assim, música rock desse período assume uma forma política que foge das diretrizes partidárias, porque se concentra na arte e em sua relação com a juventude, ou seja, é uma fuga que questiona não apenas o institucional, mas também outras dimensões sociais que atingem os jovens.

<sup>15</sup> DAPIEVE, Arthur. “Z ou Força Sempre”. *O Globo*. 19/10/1996, p. 21.

<sup>16</sup> ARAUJO, Lucinha; ECHEVERRIA, Regina. *Op. cit.*, 2001, p. 176.